

Economia



FALTA DE CHUVAS

Bolsonaro fala em risco de racionamento de energia

Presidente se queixa de críticas e diz que, se não fizer nada, 'pode até ter apagão' globo.com/2JEsPT8

NOVO ÍNDICE DA FIOCRUZ

POBREZA E SAÚDE

Desigualdade responde por 30% da mortalidade de crianças de até 5 anos

CÁSSIA ALMEIDA
E CAROLINA NALIN*
economia@oglobo.com.br

A desigualdade no Brasil é responsável por 30% da mortalidade de crianças de até 5 anos. Esta é uma das conclusões de um novo indicador criado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o Índice Brasileiro de Privação (IBP), que será lançado hoje. Ele combina informações como renda, escolaridade e saneamento e correlaciona com dados de saúde, funcionando como um retrato de más condições de vida da população.

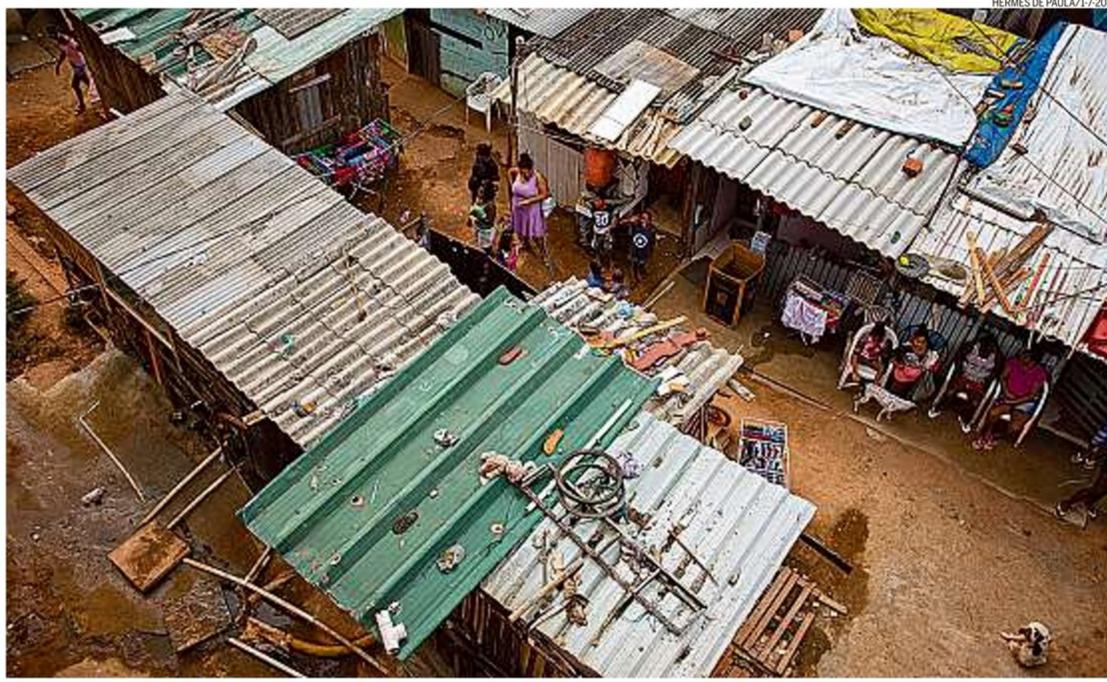
— Há uma alta proporção de óbitos atribuídos à desigualdade. Se todos vivessem com o Índice de Privação muito baixo, o número de mortes infantis seria 30% menor — afirma Elzo Pereira Pinto Júnior, pesquisador do Centro de Integração de Dados e Conhecimento para Saúde (Cidacs), da Fiocruz.

O IBP é uma espécie Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), medido pela ONU e que compara a qualidade de vida de vários países, porém mais voltado para saúde. Ele une renda per capita (proporção da população ganhando até meio salário mínimo), escolaridade (analfabetismo a partir dos 7 anos) e acesso a água e saneamento. É possível obter resultados por bairros e pequenas áreas:

— O índice tem extrema potencialidade de identificar as áreas desiguais do ponto de vista da privação material, de identificar as populações mais vulneráveis e direcionar políticas mais equitativas — afirma a Maria Yury Ichihara, vice-coordenadora do Cidacs.

O índice vai de muito baixa a alta privação. Quanto mais alta, piores são as condições de vida na região.

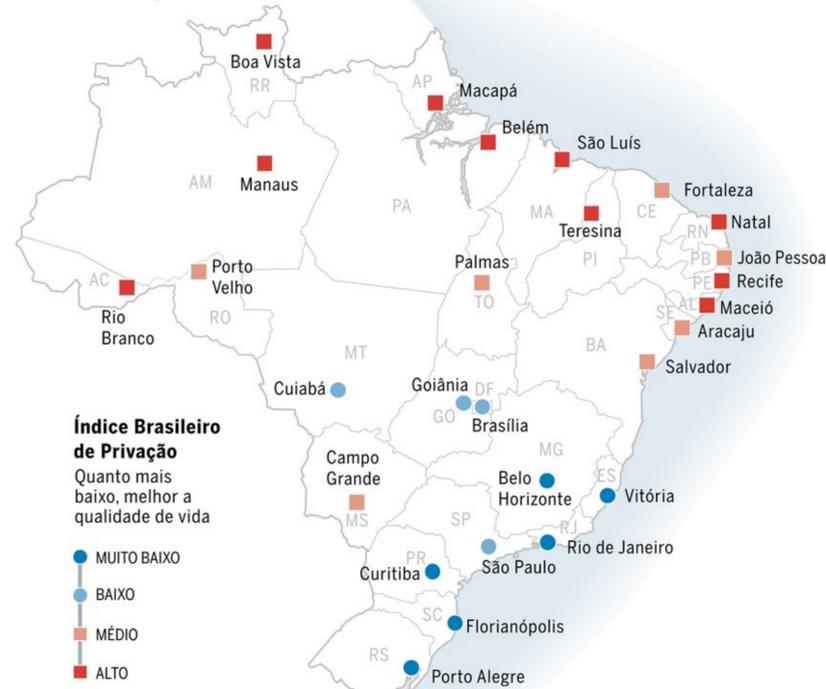
O estudo da Fiocruz mostra ainda que crianças de até 5 anos que moram em bairros, cidades e estados com alto Índice de Privação têm duas vezes mais chance de mor-



Carência. Comunidade sem saneamento em Santa Cruz, Zona Oeste do Rio: junto com condições de renda e escolaridade, habitação afeta a saúde infantil

AS CONDIÇÕES DA POPULAÇÃO

Os índices das capitais



Fonte: Índice Brasileiro de Privação, do Centro de Integração de Dados e Conhecimento para Saúde (Cidacs), da Fundação Oswaldo Cruz

Editoria de Arte

rer por doenças infecciosas, como diarreias, do que as que moram em regiões onde as condições de renda, escolaridade e habitação são melhores. E os números variam mesmo em áreas próximas:

— No mesmo bairro, pode haver realidades diferentes.

Com a pandemia, a pobreza e a desigualdade aumentaram, quando se desconsidera o efeito do auxílio emergencial. E essa piora nas condições de vida terá impactos na saúde:

— Existe uma sinergia entre pobreza e exposição maior a doenças, em função das condições de vida, moradia e trabalho — afirma a sanitária Ligia Bahia, professora da UFRJ.

Como é baseado no Censo, o índice da Fiocruz consegue refletir essa realidade socioeconômica por microrregiões, o que é fundamental para identificar os locais que podem ter maior incidência de doenças, de acordo com o coordenador de pesquisa do Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (Iesc), Rudi Rocha:

— Há bolsões de doenças infecciosas que ainda são muito relevantes. Tanto as doenças infecciosas como as provocadas por causas externas de mortalidade estão muito correlacionadas com a privação socioeconômica.

O Índice de Privação, na opinião de Rocha, com uma metodologia mais voltada para determinantes da saúde, como acesso a água e saneamento, será um instrumento vital para os gestores públicos:

— Chegar mais perto dos determinantes socioeconômicos da saúde é muito importante.

POLÍTICAS DIRECIONADAS

Para Ligia, o índice permite que se faça uma política pública baseada em evidências, o que é fundamental, principalmente nesses tempos de pandemia:

— Sabemos que há uma relação entre pobreza e mais mortes por doenças, mas, ao apontar exatamente em qual região ou bairro a situação socioeconômica é pior, é possível dirigir as políticas sociais para esses grupos e avançar na saúde.

Moradora de Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio, Caroline das Chagas, de 21 anos, convive desde os 9 com o esgoto a céu aberto ao lado de casa. Sempre que chove, o valão transborda e forma poças nas ruas. Há dois anos, sua casa chegou a ser inundada. Ela mora com a filha, de 7 anos, a mãe, de 39, e a irmã, de 15:

— Aqui sempre foi assim. Não tem esgoto, e a gente acabando sem ter para onde ir no meio daquela água podre. A prefeitura colocou água encanada, mas os canos passam perto do valão, e a água para beber vem suja. A gente enche a garrafa de água e pinga três gotas de remédio para limpar.

A situação econômica da família piorou na pandemia. Caroline, que só cursou até a 8ª série, perdeu as faxinas que fazia. A mãe, que é diarista, também está desempregada. A jovem está preocupada com fim do auxílio emergencial e a proximidade das chuvas de verão:

— Este ano, só Deus na causa, porque os serviços pararam.

Ligia destaca que os serviços públicos não existem simultaneamente nas áreas mais pobres:

— Ora tem água, ou tem luz, ou saneamento, ou escola. Se as políticas fossem integradas, haveria menos mortes, e as crianças viveriam.

*Estagiária, sob a supervisão de Janaina Lage

Indústria cresce 1,1% em outubro, mas tem perda no ano

Avanço foi o sexto consecutivo, porém recuperação vem perdendo fôlego. Setor ainda acumula queda de 6,3% desde janeiro

RAPHAELA RIBAS
raphaela.ribas@infoglobo.com.br

A indústria começa a dar sinais de acomodação. Depois da queda acentuada no início da pandemia e da recuperação registrada entre maio e julho, com altas acima de 8%, a expansão da produção industrial vem perdendo força. Em outubro, terceiro mês de desaceleração, o crescimento foi de 1,1% na comparação com setembro, segundo o IBGE.

Mesmo avançando lentamente, foi a sexta alta consecu-

tiva, o que levou o índice a ficar acima do patamar de fevereiro, antes da pandemia. Em setembro, a indústria já havia zerado as perdas da crise provocada pelo coronavírus.

Por outro lado, no acumulado do ano, o indicador ainda está em terreno negativo, com queda de 6,3%. Em 12 meses, o recuo é de 5,6%.

— Estamos vindo de uma sequência de crescimento, o que é ótimo, mas a indústria cresce com menor intensidade em outubro. A ajuda do auxílio (emergencial) foi importante, mas ainda há espaço significa-

tivo a ser recuperado. Isso não é uma característica de 2020, já era observado no ano passado — diz o gerente da pesquisa do IBGE, André Macedo.

PRODUÇÃO DE ALIMENTOS CAI

Para a economista da XP Investimentos, Lisandra Barreto, o resultado mostra que a indústria está acomodando.

— A pandemia afetou alguns setores, mas, em outros, por causa dos estímulos, a demanda ficou muito aquecida, e a indústria não conseguiu reagir. A restrição das ofertas para o consumidor, junto a

outros fatores, como o câmbio, está ajustando o crescimento da indústria agora.

A produção de bens de capital, que responde por máquinas e equipamentos, subiu 7% em outubro, puxada pela maior demanda da agricultura e por caminhões. O agronegócio vem sendo impulsionado pelo aumento do consumo doméstico de alimentos e pelo setor externo.

Lisandra explica que não há como saber se esse aumento é referente a logística e expansão de fábricas, mas afirma que dados positivos

para caminhões e materiais de construção nos últimos meses indicam que os investimentos estão crescendo:

— Os bens de capital e insumos para a construção civil são métricas que mostram mais investimentos. A combinação desses dois fatores aponta que se pode esperar um quarto trimestre positivo na indústria.

Bens de consumo duráveis, que incluem eletrodomésticos e automóveis, também cresceram, mas 1,4%. Do total de 26 ramos de atividades pesquisados pelo IBGE, 15 tiveram alta. Macedo destaca

que, nos meses anteriores, o crescimento era mais disseminado. Em agosto, 24 atividades tiveram alta e, em setembro, foram 22.

Entre os segmentos que mais cresceram está o de veículos automotores, reboques e carrocerias. O avanço em outubro foi de 4,7%, mas a indústria automotiva ainda está abaixo do patamar de fevereiro.

Entre as 11 atividades que tiveram queda, chama atenção a de produtos alimentícios (-2,8%), que vinha de três meses de altas seguidas. Macedo explica que o desempenho negativo dos alimentos foi pontual e pode ter sido influenciado pela redução do valor do auxílio emergencial, a partir de setembro, assim como pelo desemprego.